

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
Comissão Executiva do Vestibular

VESTIBULAR 2012.1

2ª FASE-1º DIA: 11 DE DEZEMBRO DE 2011

REDAÇÃO/LÍNGUA FRANCESA

DURAÇÃO: 04 HORAS

INÍCIO: 09h00min

TÉRMINO: 13h00min



Após receber o seu **cartão-resposta**, copie nos locais apropriados, uma vez com **letra cursiva** e outra com **letra de forma**, a seguinte frase:

O silêncio é patrimônio dos sábios.

ATENÇÃO!

Este caderno de provas contém:

- Prova I – Redação;
- Prova II – Língua Portuguesa, com 20 questões;
- Folha Definitiva de Redação (encartada).

Ao sair definitivamente da sala, o candidato deverá assinar a folha de presença e entregar ao fiscal de mesa:

- o CARTÃO-RESPOSTA preenchido e assinado;
- a FOLHA DEFINITIVA DE REDAÇÃO;
- o CADERNO DE PROVAS.

Será atribuída nota zero, na prova correspondente, ao candidato que não entregar seu CARTÃO-RESPOSTA ou sua FOLHA DEFINITIVA DE REDAÇÃO.

NÚMERO DO GABARITO

Marque no local apropriado do seu cartão-resposta o número 1 que é o número do gabarito deste caderno de provas e que também se encontra indicado no rodapé de cada página.

OUTRAS INFORMAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DAS PROVAS ENCONTRAM-SE NA FOLHA DE INSTRUÇÕES QUE VOCÊ RECEBEU AO INGRESSAR NA SALA DE PROVA.

RASCUNHO DA REDAÇÃO

Se desejar, utilize esta página para o rascunho de sua redação. Não se esqueça de transcrever o seu trabalho para a folha específica da Prova de Redação.

Esta página não será objeto de correção.

GABARITO

1

NÃO ESCREVA
NAS COLUNAS

T e F

		T	F
	01		
	02		
	03		
	04		
	05		
	06		
	07		
	08		
	09		
	10		
	11		
	12		
	13		
	14		
	15		
	16		
	17		
	18		
	19		
	20		
	21		
	22		
	23		
	24		
	25		
TOTAL			

PROVA I: REDAÇÃO

Prezado candidato,

O texto a seguir é um fragmento da fala do escritor moçambicano Mia Couto, na edição de 2011 das Conferências do Estoril, cujo título foi “Desafios globais, respostas locais”. Convidado pela organização do evento a discursar sobre segurança, o escritor, desconstruindo esse tema, fala, na verdade, sobre **medo**.

Nesta prova de redação, sua tarefa é interagir com Mia Couto. Tomando por base uma ou mais questões discutida(s) no texto, escreva uma carta dirigida ao autor, expressando sua concordância ou discordância e apresentando argumentos que deem sustentação ao seu ponto de vista.

MURAR O MEDO

O medo foi um dos meus primeiros mestres. Antes de ganhar confiança em celestiais criaturas, aprendi a temer monstros, fantasmas e demônios. Os anjos, quando chegaram, já era para me guardarem. Os anjos atuavam como uma espécie de agentes de segurança privada das almas.

O medo foi, afinal, o mestre que mais me fez desaprender. Quando deixei minha casa natal, uma invisível mão roubava-me a coragem de viver e a audácia de ser eu mesmo. No horizonte vislumbravam-se mais muros do que estradas. Nessa altura, algo me sugeria o seguinte: que há neste mundo mais medo de coisas más do que coisas más propriamente ditas.

No Moçambique colonial em que nasci e cresci, a narrativa do medo tinha invejável *casting* internacional: os chineses que comiam crianças, os chamados terroristas que lutavam pela independência e um ateu barbudo com um nome alemão. Esses fantasmas tiveram o fim de todos os fantasmas: morreram quando morreu o medo. Os chineses abriram um restaurante a nossa porta, os terroristas são hoje governantes respeitáveis e Karl Marx, o ateu barbudo, é um simpático avô que não deixou descendência.

A guerra fria esfriou, mas o maniqueísmo que a sustinha não desarmou, inventando rapidamente outras geografias do medo a oriente e a ocidente. E, porque se trata de entidades demoníacas, precisamos de intervenção com legitimidade divina. O que era ideologia passou a ser crença; o que era política tornou-se religião; o que era religião passou a ser estratégia de poder.

Para fabricar armas é preciso fabricar inimigos; para produzir inimigos é imperioso sustentar fantasmas. A manutenção desse alvoroço requer um dispendioso aparato e um batalhão de especialistas que, em segredo, tomam decisões em nosso nome. Eis o que nos dizem: “para superar as ameaças domésticas, precisamos de mais polícia, mais prisões, mais segurança privada e menos privacidade; para enfrentarmos as ameaças globais, precisamos de mais exércitos, mais serviços secretos e a suspensão temporária de nossa cidadania”.

Todos sabemos que o caminho verdadeiro tem de ser outro. Todos sabemos que esse outro caminho poderia começar, por exemplo, pelo desejo de conhecer melhor esses que d’um e de outro lado aprendemos a chamar de “eles”.

Aos adversários políticos e militares juntam-se agora o clima, a demografia e as epidemias. O sentimento que se criou é o seguinte: a realidade é perigosa, a natureza é traiçoeira e a humanidade é imprevisível. Vivemos, como cidadãos e como espécie, em permanente situação de emergência. Como em qualquer outro estado de sítio, as liberdades individuais devem ser contidas, a privacidade pode ser invadida e a racionalidade deve ser suspensa.

Todas essas restrições servem para que não sejam feitas perguntas como, por exemplo, estas: “Por que motivo a crise financeira não atingiu a indústria do armamento? Por que motivo se gastou apenas no ano passado um trilhão e meio de dólares em armamento militar? Por que razão os que hoje tentam proteger os civis na Líbia são exatamente os que mais armas venderam ao regime do coronel Kadaf? Por que motivo se realizam mais seminários sobre segurança do que sobre justiça?”

Se queremos resolver e não apenas discutir a segurança mundial, teremos que enfrentar ameaças bem mais reais e urgentes. Há uma arma de destruição massiva que está sendo usada todos os dias, em todo o mundo, sem que seja preciso o pretexto da guerra. Essa arma chama-se fome. Em pleno século XXI, um em cada seis seres humanos passa fome. O custo para se superar a fome mundial seria uma fração muito pequena do que se gasta em armamento.

Mencionarei ainda uma outra silenciada violência. Em todo o mundo, uma entre cada três mulheres foi ou será vítima de violência física ou sexual durante seu tempo de vida. A nossa indignação, porém, é bem menor que o medo. Sem dar-nos conta, fomos convertidos em soldados de um exército de sem nomes e, como militares sem farda, deixamos de questionar. Deixamos de fazer perguntas e discutir razões. As questões da ética são esquecidas por estar provada a barbaridade dos outros. E, porque estamos em guerra, não temos que fazer prova de coerência nem de ética nem de legalidade.

Há muros que separam nações, há muros que dividem pobres e ricos, mas não há hoje no mundo um muro que separe os que têm medo dos que não têm medo. Citarei Eduardo Galeno acerca disso, que é o medo global: "Os que trabalham têm medo de perder o trabalho; os que não trabalham têm medo de nunca encontrar trabalho; os civis têm medo dos militares; os militares têm medo da falta d'armas, e as armas têm medo da falta de guerras. E, se calhar, acrescento agora eu: há quem tenha medo de que o medo acabe".

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ao-QKp9qnQ&feature=related>
Transcrição adaptada.

PROVA II – LÍNGUA FRANCESA

LA PARESSE EST TOUT UN ART

1 *Cultivez votre paresse! Elle est la porte*
2 *de la santé et l'activateur de la neurochimie*
3 *du vivant. Comment, pourquoi et, surtout,*
4 *pourquoi faire? Le neurobiologiste Jean-*
5 *Didier Vincent nous l'explique.*

6 **Le Figaro Magazine:** La paresse existe sous
7 tant de formes - mollesse, rêverie, torpeur,
8 repos... - que l'on hésite à la définir en tant
9 que péché. Comment vous, homme de
10 science, allez-vous y prendre?

11 À partir de cette question, Jean-Didier
12 Vincent précise qu'il s'agit d'une tendance
13 biologique de notre espèce. Notre système
14 nerveux central qui gère le désir, l'élan, la
15 force d'exister repose sur des mécanismes
16 bipolaires. La quête d'un plaisir qui répond à
17 la satisfaction d'un besoin se double d'une
18 réaction inverse. L'homme, l'animal, d'une
19 manière générale, et plus spécifiquement les
20 vertébrés, sont faits pour le plaisir. Pour
21 Jean-Didier Vincent, contrairement au mot
22 de Goethe: "Au commencement était
23 l'action", au commencement était l'affect,
24 l'action n'étant que secondaire à celui-ci. Il
25 parle souvent de l'âme, ou de la psyché.
26 Selon Epicure, la psyché est le cri de la chair!
27 Certes, il n'y a pas un cerveau d'homme qui
28 ressemble à un autre cerveau d'homme mais
29 tous, en revanche, comptent en commun des
30 "systèmes opposants" qui gèrent à la fois
31 plaisir et souffrance, tirant chacun en sens
32 inverse. Chaque fois que le sujet bascule
33 dans l'excès du plaisir, il met en place des
34 processus opposants qui, sitôt que la source
35 de plaisir est tarie (action, sexe, nourriture,
36 stimulants, etc.), engendrent le manque,
37 autrement dit la souffrance. Cet affrontement
38 transféré au niveau symbolique apparaît sous
39 les termes du bien et du mal.

40 Jean-Didier affirme encore que nous
41 vivons dans cette structure binaire: mâle-
42 femelle, froid-chaud, douceur-violence,
43 liquide-sec, etc. Si bien que la culpabilité est
44 au coeur du cerveau de l'homme qui est
45 toujours en retrait par rapport à un plaisir.
46 Tuer le plaisir chez l'homme ou chez l'animal
47 signifie annihiler une partie de sa volonté, le
48 rendant esclave de contraintes extérieures.
49 Ce qui mène l'homme vers la négation de soi
50 et une perte profonde de l'être. Si étonnant
51 que cela paraisse (intéressant jeu de mots),
52 la paresse prépare à l'action, elle n'est pas le
53 contraire de l'action. On peut la considérer
54 comme un des meilleurs signes de santé qui
55 vient soulager le malade quand celui-ci est
56 trop tourmenté par son corps. La paresse est

57 l'activateur de la neurochimie du vivant,
58 l'enzyme de l'amour, en somme.

59 Il est évident que la paresse dont
60 parle Jean-Didier Vincent est la bonne
61 paresse, celle qui nous fait prendre le temps
62 de regarder les étoiles le soir, de méditer sur
63 notre destinée ou simplement d'en jouir. La
64 paresse est liée très profondément à la
65 nécessité de ne pas travailler, quand le
66 travail est lui même un vice issu de la soif de
67 possession, notamment de posséder souvent
68 plus que l'autre.

Extrait adapté de LE FIGARO
MAGAZINE, p.96 à 98, du 6 août 2011

Ayant pour base la lecture attentive du texte, marquez l'option qui complète correctement les assertions suivantes.

- 01.** La paresse est tout un art
- A) quand elle fait prendre le temps du plaisir.
 - B) lorsqu'elle vient liée à la nécessité de travailler.
 - C) parce qu'elle est issue du vice de posséder souvent plus.
 - D) si elle devient toujours une nécessité des animaux.

- 02.** Avec la question "Comment vous, homme de science, allez-vous y prendre ?" (lignes 9 et 10), à propos d'une définition sur la paresse, l'interlocuteur de Jean-Didier Vincent
- A) veut savoir son avis.
 - B) prévoit son opinion.
 - C) anticipe sa réponse.
 - D) présente son portrait.

- 03.** Jean-Didier Vincent explique la paresse comme
- A) un acte secondaire de notre organisme.
 - B) une force pour exister sans le travail.
 - C) un mécanisme bipolaire dispensable.
 - D) une propension biologique de notre espèce.

04. Parce que la paresse se manifeste si diversement chez l'homme,

- A) elle active la neurochimie du vivant.
- B) on a du mal à la concevoir comme un péché.
- C) rien n'empêche de la pratiquer aisément.
- D) il vaut mieux profiter de tout repos.

05. Les mécanismes bipolaires de notre système nerveux central expliquent le fait que/qu'

- A) à chaque plaisir satisfait correspond une réaction opposée.
- B) l'homme est fait pour le plaisir.
- C) la satisfaction du besoin de plaisir est exclusive à l'homme.
- D) la paresse prépare l'homme à l'action.

06. Une des idées soutenues par le texte concerne

- A) la paresse vue en tant que péché une fois qu'elle s'exprime comme un plaisir.
- B) le fait que la différence entre l'homme et l'animal est dans le système opposant.
- C) l'affirmation de Jean-Didier Vincent selon laquelle l'affect précède l'action.
- D) le fait de considérer la paresse comme une maladie qui tourmente notre corps.

07. La paresse prépare à l'action parce qu'elle

- A) active la santé.
- B) est le plaisir à l'envers.
- C) bouche une neurochimie.
- D) est partie d'une volonté.

08. Dans le texte, Jean-Didier Vincent fait toujours une corrélation entre la bonne paresse et

- A) la volonté.
- B) le péché.
- C) le plaisir.
- D) la destinée.

09. Le fait que l'homme bascule à plusieurs reprises dans un plaisir excessif gère comme conséquence à ce plaisir

- A) la faiblesse.
- B) le manque.
- C) la jouissance.
- D) l'affrontement.

10. Cette conséquence posée dans la question précédente s'explique par les

- A) transferts d'un état affectif d'un objet à l'autre.
- B) changements de la source du plaisir située dans le cerveau.
- C) processus opposants engendrés par l'épuisement du plaisir.
- D) actions qui transgressent les devoirs concernant le travail.

11. Étant donné que l'homme construit sa vie dans une structure binaire,

- A) il ne lui est pas possible de gérer plaisir et souffrance à la fois.
- B) Il tire éventuellement certaines attitudes en sens inverse.
- C) Il se rend souvent esclave de contraintes extérieures.
- D) Il se voit symboliquement devant les termes du bien et du mal.

12. L'idée que l'homme "est toujours en retrait par rapport à un plaisir" (lignes 44 et 45) signifie qu'il

- A) annihile fréquemment ce plaisir.
- B) met ce plaisir sous contrôle.
- C) tue ce plaisir pour ne pas se tourmenter.
- D) renforce la volonté de ce plaisir.

13. Faire mourir le plaisir chez l'homme consiste à

- A) détruire partiellement sa volonté.
- B) le faire vivre dans une structure binaire.
- C) le culpabiliser d'un certain manque de retrait.
- D) flexibiliser la négation de soi-même.

14. D'après le dernier paragraphe du texte, on peut conclure que

- A) la jouissance de la vie dépend de nos choix et de nos besoins.
- B) notre destinée est définie par notre capacité de rêver.
- C) nous avons besoin de la paresse pour apaiser la fatigue du travail.
- D) la soif de possession mène l'homme à approfondir ses relations.

15. Une action qui se rapporte à l'appréciation de la beauté de l'univers dans la conception de la paresse de Vincent est celle de

- A) porter la santé.
- B) satisfaire un besoin.
- C) regarder les étoiles.
- D) nier l'existence.

16. La phrase "Cultivez votre paresse!" (ligne 1) exprime pour le lecteur

- A) un commentaire impersonnel sans jugement de valeur.
- B) une opinion personnelle contraire à un jugement de valeur.
- C) un contact à rompre entre deux ou plusieurs individus.
- D) une certaine persuasion pour le faire agir ou réagir.

17. Dans la phrase "Le neurobiologiste Jean-Didier Vincent nous l'explique" (lignes 4 et 5), le référent auquel se rapporte le pronom anaphorique qui résume ce qu'il y a à expliquer est

- A) comment, pourquoi et, surtout, pourquoi faire?
- B) cultivez votre paresse!.
- C) elle est la porte de la santé.
- D) l'acteur de la neurochimie du vivant.

18. La phrase complexe "La paresse existe sous tant de formes [...] que l'on hésite à la définir en tant que péché" (lignes 6 à 9) établit entre ses propositions un rapport de

- A) cause.
- B) condition.
- C) possibilité.
- D) conséquence.

19. La proposition "...l'action n'étant que secondaire à celui-ci." (ligne 24) précise entre l'action et l'affect un rapport de/d'

- A) annulation.
- B) restriction.
- C) répétition.
- D) condition.

20. La phrase qui présente un verbe/une expression verbale synonyme de "est tarie" (ligne 35) est

- A) Ses derniers écrits confirment que sa veine poétique s'est épuisée.
- B) Le contact avec la richesse avait comme exacerbé son imagination.
- C) Il est intarissable à propos des questions politiques internationales.
- D) Ce qui s'avère intangible se maintient indéfiniment intact.